



DAS REVOLUÇÕES POPULARES NO SÉCULO XXI À JUVENTUDE PÓS-PANDEMIA

João Gabriel Hübner Gomes
Instituto Federal de Brasília (IFB)

Roberta Pasqualli
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC)

Resumo: O presente estudo, elaborado em forma de revisão crítica de literatura, tem como objetivo apresentar reflexões sobre a participação da juventude ocidental nas revoluções pós-segunda guerra mundial até as consequências da pandemia da COVID-19. Foi constituído por meio de uma abordagem qualitativa e dialética, produzido por meio de pesquisa bibliográfica envolvendo autores como Enne (2010), Peralva (1997), Sibilia (2008), Carrano (2011) entre outros. Como resultados, considera-se que as juventudes atuais foram formadas por seus antecessores mediante as suas necessidades e, deste modo, a visão do jovem como sujeito “rebelde” está vinculada à incapacidade de compreensão por parte da geração adulta, que antecede as juventudes contemporâneas. Conclui-se que o recrudescimento da precarização do ensino, vinculado à baixa inserção do jovem no mercado de trabalho transforma um jovem ocidental de revolucionário atuante, em um reprodutor de postagens em mídias sociais ou de notas de repúdio.

Palavras-chave: Juventudes; Escola; Trabalho.

From popular revolutions in the 21st century to post-pandemic youth

Abstract: The present study, prepared in the form of a critical literature review, aims to present reflections on the participation of Western youth in the post-Second World War revolutions until the consequences of the COVID-19 pandemic. It was constituted through a qualitative and dialectical approach, produced through bibliographical research involving authors such as Enne (2010), Peralva (1997), Sibilia (2008), Carrano (2011) among others. As a result, it is considered that current youth were formed by their predecessors based on their needs, in this way, the view of young people as “rebellious” subjects is linked to the inability of understanding on the part of the adult generation, which precedes contemporary youth. It is concluded that with the increase in the precariousness of education, linked to the low insertion of young people in the job market, a young Westerner transforms from an active revolutionary to a reproducer of posts on social media or notes of rejection.

Keywords: Youth; School; Job.

1. INTRODUÇÃO

Os processos revolucionários ocorridos após a Segunda Guerra Mundial são marcados pela efervescência da participação juvenil, muitas vezes vista como incoerente à realidade posta ou, também, como ‘rebeldes sem causa¹’. Fato é que as juventudes que se opõem à realidade vivida são consideradas rebeldes e, as que se calam e se acovardam, aceitando o legado de seus antecessores, são consideradas pertencentes ao padrão tradicional de juventude esperado pela sociedade.

Laranjeira, Iriart e Rodrigues (2016) destacam que,

Ao tomarmos a juventude como categoria social, admitimos a sua posição na ordenação da sociedade, não como mera passagem para a vida adulta, mas como grupo que tensiona os espaços sociais e geracionais, numa conjuntura em que as formas de participação, os cenários políticos, a organização do trabalho se transformam rapidamente (LARANJEIRA; IRIART; RODRIGUES, p. 119).

É evidente que a formação de jovens ativos e transformadores depende de sua compreensão sobre os aspectos políticos, sociais e econômicos que os circundam. No entanto, há desafios significativos que moldam essas questões. Este texto explora tais dilemas a partir dos seguintes questionamentos: a) como fomentar uma juventude engajada e consciente politicamente quando a escola, principal ambiente de construção desse saber, enfrenta problemas de precarização? b) Além dos desafios educacionais, como os jovens podem lidar com a dificuldade de inserção no mercado de trabalho e o crescente apelo ao consumo promovido pelo capitalismo globalizado? Estas são as questões que pretendemos discutir neste texto.

Nesta direção, o presente estudo, elaborado em forma de revisão crítica de literatura, tem como objetivo apresentar reflexões sobre a participação da juventude ocidental nas revoluções pós-segunda guerra mundial até as consequências da pandemia da COVID-19.

Tendo como balizadores os pressupostos anunciados anteriormente, este ensaio teórico apresenta e discute algumas questões que permeiam as discussões sobre as juventudes, a escola e o mundo do trabalho. O texto foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa e dialética, produzido por meio de pesquisa bibliográfica

1 O sentido atribuído a “rebeldes sem causa” está ligado ao não reconhecimento dos movimentos sociais da juventude pelas gerações que os antecedem.

envolvendo autores como Enne (2010), Peralva (1997), Sibilia (2008), Carrano (2008) entre outros. Para atingir seu objetivo, o texto está estruturado, além desta apresentação, em mais uma seção que dialoga com os recortes conceituais privilegiados. Por fim, apresentam-se as considerações finais e os referenciais teóricos trazidos para esta discussão.

2. A PARTICIPAÇÃO DA JUVENTUDE NAS REVOLUÇÕES OCIDENTAIS DO PÓS SEGUNDA GUERRA ATÉ UM PROCESSO EDUCACIONAL PÓS-PANDEMIA DE COVID-19

É evidente que a ideia de juventude está intimamente ligada ao prospecto de revolução. Para Enne (2010, p. 19), “o espírito do tempo juventude é signo vital do ser moderno” e o moderno por si só já é revolucionário. Nesse sentido, existe um destaque das massas jovens na participação dos movimentos revolucionários. Ao longo da história, em especial desde a Revolução Francesa, o jovem vem sendo estigmatizado como um modelo cultural que deve dar continuidade aos espaços e modelos de consumo dos seus antecessores, sendo conduzido, assim, pelas instituições de ensino. Para Morin, (1970), “O envelhecimento postergado transforma o jovem, de promessa de futuro que era em modelo cultural do presente”. Deste modo, qualquer padrão de juventude que se comprometa a pensar e agir ao contrário estaria sendo identificado como “rebelde”. Tal como menciona Enne (2010),

Mais ainda, quando esse sujeito concreto, o jovem, é o “rebelde sem causa” americano dos anos 50, ativista e contestador universitário de maio de 68, alienado fã da Jovem Guarda, apologista do imperialismo americano, hippie remando contra a cultura e pregando o poder da flor para vencer os males do sistema, dentre outros tantos estereótipos que se firmaram historicamente no imaginário mundial (contando, para isso, com a preciosa ajuda dos meios de comunicação massivos), passa a exigir voz e reconhecimento aos seus princípios, dúvidas, desejos e vontades, esse movimento, embora vá encontrar não poucas resistências, já se dá em uma herança de aceitação e reconhecimento do espírito juvenil.(ENNE, p. 19).

Nesse sentido, o jovem como responsável pela transformação, mudança e quebra de paradigmas nem sempre é visto pelos seus antecessores e, também, pelas mídias, como um ser revolucionário, podendo, inclusive, ser compreendido como um sujeito desconstrutor da ordem social. Nesse sentido, destaca-se como um fator histórico a inserção da juventude nas revoluções. De acordo com Pereira da Silva (2015, p. 49) “nos anos marcados pela Guerra Fria, a juventude despontou em todo o mundo ocidental como

um desafio. Além disso, ela era considerada um período da vida passível à revolução ou à rebelião e poderia manifestar atitudes rebeldes e, até mesmo, delinquentes”. Tais manifestações podem ser notadas nas artes, jovens, como um todo, em sua musicalidade, poemas e expressões, além da forma de se vestir e no alinhamento com os ideais da Revolução Cubana. Para Souza (2006, p. 23), “A juventude, invenção da sociedade moderna, na década de 50 já era considerada uma ameaça à estabilidade social, um problema que carece de investigação e intervenção”. Essa visão patologizante não apenas marginaliza a juventude, mas também ignora seu potencial revolucionário e sua capacidade crítica. Em vez de ser vista apenas como um problema, é essencial reconhecer a juventude como uma força vital para a inovação social e política. Portanto, é crucial que as políticas públicas e as instituições educacionais se ajustem para apoiar, e não reprimir, a expressão juvenil e o engajamento cívico.

Ainda, de acordo com Pereira da Silva (2015, p. 49), a segunda metade da década de 1960 e o início dos anos 1970 foi um momento de efervescência na juventude brasileira marcado pelo engajamento político dos jovens na luta contra o regime ditatorial instalado no Brasil, em 1964. Porém, Souza (2006) alerta que, na categoria juventude daquele momento, não estavam inseridos todos os jovens brasileiros. Entretanto, a não participação da totalidade da juventude não exclui ou invalida a necessidade de uma revolução.

Na mesma linha, Dubet (2003), investigando a situação dos jovens franceses, notou o paradoxo entre a esperança ou as expectativas criadas pelos jovens e o não atendimento por parte do Estado e da sociedade às suas demandas objetivas. De acordo com Laranjeira *et al.* (2015),

Se atualizamos o debate, essa tensão gera o confronto, por vezes fugazes, e, ao mesmo tempo, intensos com as diferentes esferas do poder, como ocorrido no Brasil e em outros países (Chile, Grécia, Egito, Turquia, entre outros). Sabe-se que existem especificidades dos movimentos. No caso brasileiro, o aumento da tarifa do transporte urbano, foi a faísca que se alastrou para tantas outras demandas (educação e saúde pública de qualidade; moradia, locomoção na cidade, segurança etc.); os jovens secundaristas chilenos se rebelaram contra a mercantilização do ensino, pela democratização do acesso ao ensino superior etc.; os gregos foram às ruas sobretudo por questões econômicas do país, com elevação das taxas de desemprego; no Egito, mudanças no regime político, os jovens lutaram por maior liberdade e democracia política; e na Turquia, a relação público/privado gerou o estopim em defesa de uma praça pública, contra a instalação de um edifício comercial em seu lugar”. (LARANJEIRA ET AL., 2015, p. 120).

Do ponto de vista de Zizek (2013, p. 103-104), “O capitalismo global é um processo complexo que afeta diversos países de maneiras variadas, e o que unifica tantos protestos em sua multiplicidade é que são todas reações contra as múltiplas facetas da globalização capitalista”. Parte dessas facetas são criadas em função das mídias neoliberais e repercutido como uma pós-verdade². Exemplo disso é a primavera árabe, de 2010, em que grupos inteiros de jovens foram massacrados. Não distante as manifestações populares brasileiras de 2013, em que o grupo *Black Block* foi altamente discriminado e, mais recentemente, em 2019 quando a juventude chilena se pôs nas ruas contra as atrocidades de seu governo, tal como na Figura 1.

Figura 1: Levante revolucionário da juventude Chilena



Fonte: Idalgo, 2019.

Como forma de oposição das mídias neoliberais, os jovens passaram a dominar os ambientes virtuais, em destaque para as redes sociais, tendo por vezes, (por meio e através delas), a liberdade de expressar o que pensam e organizar os seus atos, tal como ocorreu em algumas revoluções citadas anteriormente. Contudo, o domínio do capitalismo impôs tendência de consumo e uma necessidade de criação de uma autoimagem nunca vista antes em outras gerações. Deste modo, tornamos aquilo que postamos em nossas redes

² O sentido de "pós-verdade" utilizado, diz respeito a um termo recente que caracteriza um cenário onde, na formação da opinião pública, os fatos concretos são menos impactantes do que os apelos emocionais e as convicções individuais.

sociais e nos valem a quantidade de engajamentos alcançados, por meio de visualizações, curtidas, compartilhamentos entre outras máximas. Para Sibilia (2008),

Milhões de usuários de todo o planeta - gente “comum”, precisamente como eu ou você – têm se apropriado das diversas ferramentas disponíveis on-line, que não cessam de surgir e se expandir, e as utilizam para expor publicamente a sua intimidade. Gerou-se, assim, um verdadeiro festival de “vidas privadas”, que se oferecem despididamente aos olhares do mundo inteiro. As confissões diárias de você, eu e todos nós estão aí, em palavras e imagens, à disposição de quem quiser bisbilhotá-las; basta apenas um clique do mouse/tela. E, de fato, tanto você como eu e todos nós costumamos dar esse clique (SIBILIA, p. 27).

Dessa forma, temos jovens que rapidamente perdem o seu caráter revolucionário nas ruas para a apropriação do ambiente virtual, inovando e revolucionando em um novo espaço. Entretanto será que dentro deste novo ambiente, as expressões e manifestações da juventude acontecem verdadeiramente? Ou ainda mais, temos atingido o efeito exercido pelas pressões e forças populares apresentado nas manifestações de rua? Tal como explicitado pelo cantor e compositor Criolo (2014) em sua música intitulada: Convoque o seu Buda – “mudar o mundo do sofá da sala e postar no insta”. Tal ato realmente surte efeito?

Destaca-se que a mesma juventude que utiliza as redes sociais como mensageiro da sua expressão é segregada por ela. De um lado, eu tenho uma juventude dotada de privilégios e acesso a dispositivos tecnológicos que consegue relacionar-se por meio deles. Do outro eu tenho os detentores dos desejos, sedentos pelo consumo daquilo em que o capital não os privilegiou. Sendo essa imensa gama da juventude sucumbida à precarização do trabalho. Conforme aponta Engels e Marx (2007, p. 72) “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes”. Bem como exposto a evidência de que, historicamente, as classes detentoras do poder têm suas visões e interesses refletidos e perpetuados como normativas na sociedade.

Sobre os impactos adicionais, destaca-se “as dificuldades decorrentes da pandemia de Covid-19, decretada oficialmente pela Organização Mundial da saúde (OMS), em 11 de março de 2020” (SANTOS, *et al.*, 2021, p. 02). Ainda não se sabe ao certo quais são as consequências exatas desses quase dois anos de distanciamento social. Sabe-se menos ainda, dos impactos gerados diretamente na vida dos jovens.

Entretanto, temos alguns indicativos que não são favoráveis à juventude. De acordo com o IBGE (2022, p. 7), no 1º trimestre de 2022, a taxa de desocupação, no

Brasil, foi estimada em 11,1%. A distribuição das pessoas desocupadas, na semana de referência, dos grupos de pessoas de 25 a 39 (35,9%) e de 18 a 24 anos (30,6%) anos de idade, continuou a apresentar patamar superior ao estimado nos outros grupos etários. Ou seja, a parcela mais afetada pelo desemprego agravado pela pandemia é a juventude. Atrrelado a isso temos a fragilidade do ensino.

Temos visto uma precariedade no trabalho docente, “Sendo o professor um dos principais alvos dos mecanismos de precarização das condições de trabalho, no âmbito educacional” (SANTOS, *et al.*, 2021, p. 08). destaca a vulnerabilidade dos professores às condições adversas de trabalho no setor educacional. Este trecho sugere que a deterioração das condições laborais dos professores é um problema sistêmico, refletindo uma tendência de desvalorização da profissão e das condições em que é exercida. A menção explícita dos professores como "principais alvos" aponta para a gravidade e especificidade dos desafios que enfrentam dentro do contexto mais amplo de precarização do trabalho. Basso (1998, p. 1) alerta que a ruptura entre significado e sentido torna o trabalho docente alienado, comprometendo ou descaracterizando a atividade docente. Segundo o autor, essa ruptura não apenas compromete a essência da atividade docente, mas também aliena os educadores, afastando-os dos propósitos e valores originais de sua profissão. Esta situação pode contribuir para uma crise de identidade profissional entre os professores, afetando negativamente tanto a qualidade do ensino quanto a motivação e satisfação dos docentes. Para Enne (2010);

A escola não consegue, de forma geral, contato com esses meninos e meninas, muitas vezes desprezando seus principais capitais expressivos, em especial a oralidade, a linguagem publicitária, a música. As dificuldades de inserção no mundo profissional, com a crise da empregabilidade, aumentam a moratória social (no caso dos filhos da classe média) e condenam ao desemprego e ao trampo ocasional os jovens das classes subalternas economicamente. (ENNE, p. 30).

Sendo a escola visivelmente menos atraente no pós-pandemia, não acontece apenas uma alteração na identidade da juventude, como a perda de mobilidade e ação das revoluções, como também uma transformação no sentido do ensinar e aprender. Após dois anos sendo atraídos diariamente por *frames* de 30 segundos nas redes sociais, os alunos pós-pandemia sentem a necessidade de serem seduzidos por conteúdos a cada 30 segundos. Precarizando ainda mais a situação, ressalva-se que as consequências dessa não sedução são muitas vezes vistas como: impaciência e incapacidade de tolerar o outro.

Adventos também da ausência do convívio em parte importante de nossas vidas – a juventude.

Notamos que as próprias instituições destinadas à socialização de crianças e jovens vivem dificuldades para impor seus programas institucionais em face de um processo de individuação cada vez mais acentuado (DUBET, 2006, p. 32). O autor destaca que as instituições encarregadas da socialização de crianças e jovens enfrentam desafios significativos ao tentar implementar seus programas institucionais, devido a um crescente processo de individuação. Isso sugere que as pressões por individualização na sociedade moderna estão impactando a capacidade dessas instituições de exercerem suas funções tradicionais de maneira eficaz. À medida que os indivíduos buscam mais autonomia e expressão pessoal, as estruturas educacionais podem achar cada vez mais complicado estabelecer um conjunto comum de valores e comportamentos esperados.

Nessa direção, para Carrano (2011),

As desigualdades educacionais, caracterizadas principalmente pelas baixas taxas de universalização de educação média e superior no Brasil, acentuam a heterogeneidade do que pode ser denominado de “estruturas de transições”. A trajetória de busca e inserção no mundo do trabalho dos jovens, especialmente os das famílias mais pobres, é incerta, ou seja, esses ocupam as ofertas de trabalho disponíveis que, precárias e desprotegidas em sua maioria, permitem pouca ou nenhuma possibilidade de iniciar ou progredir numa carreira profissional. A informalidade é crescente à medida que se desce nos estratos de renda e consumo do beneficiário do emprego. O aumento da escolaridade, em geral, coincide com maiores chances de conseguir empregos formais, algo decisivo para os jovens, considerando que o desemprego juvenil no Brasil é, em média, quase três vezes maior que o do conjunto da população. (CARRANO, p. 11-12)

Particularmente evidentes nas baixas taxas de acesso à educação média e superior. Isso resulta em uma grande heterogeneidade nas "estruturas de transições" que os jovens enfrentam ao buscar inserção no mercado de trabalho. Para os jovens oriundos de famílias de baixa renda, a trajetória é especialmente incerta, pois eles tendem a ocupar postos de trabalho que são, em sua maioria, precários e desprotegidos, oferecendo limitadas, ou nenhuma, oportunidades de desenvolvimento ou progressão em uma carreira profissional. A informalidade aumenta conforme se desce nos estratos de renda, enquanto uma maior escolaridade geralmente aumenta as chances de obter empregos formais. Isso é crucial para os jovens, considerando que a taxa de desemprego entre eles é quase três vezes maior do que a média da população em geral no Brasil. Porém, como alcançar tal situação se a escola que atende os nossos atuais jovens não dialoga com os mesmos, pois não os

compreendem como sujeitos passivos de ações e desejos. Como afirmado por Dayrell, Carrano e Maia (2014, p. 127),

As escolas esperam alunos e o que lhes chegam são sujeitos de múltiplas trajetórias e experiências de mundo. Muitas delas oriundas de redes de relacionamentos produzidas nos novos espaços-tempos da internet, dos mercados de consumo, de grupos culturais juvenis ou intergeracionais, de grupos religiosos e de culturas criativas e periféricas. Dentre essas, o hip-hop, a capoeira, o samba, o funk, o teatro popular, mas também as redes da ilegalidade ou do crime.

Por fim, não podemos ignorar que somos indivíduos e sujeitos e que um dos principais caminhos para a revolução do jovem em si é a educação, sendo a escola o local de acolhida de todos os sujeitos que ali chegam.

Para Carrano (2011, p. 20) antes mesmo de se pensar em quais atividades educativas deveriam ser oferecidas para os jovens, deveríamos colocar a questão de como contribuir para que os indivíduos sejam diretores de suas próprias vidas. Para tanto, Peralva (1997, p. 17) ressalta que a escolarização se difunde e tende a subtrair segmentos progressivamente mais amplos da população infantil, sendo às injunções do trabalho e retardando a entrada na idade adulta. Criando um tempo formador de um adulto humanamente mais preparado. Além disso, é necessário ressignificar a escola, o ensinar e cativar os jovens com projetos de vida baseados em sua realidade cotidiana.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As juventudes atuais foram formadas por seus antecessores mediante as necessidades dos mesmos e, deste modo, a visão do jovem como sujeito “rebelde” está vinculada à incapacidade de compreensão por parte da geração adulta, que antecede as juventudes contemporâneas. Portanto, existe uma inadequação em compreender as necessidades reais desta categoria no momento em que se vive, o que acaba se constituindo um ciclo vicioso, no qual formam-se as juventudes, ignorando as suas necessidades e considerando a realidade anteriormente posta. Sendo assim, pensar em juventudes revolucionárias e atuantes no mesmo viés do Pós Segunda Guerra é desmedir a realidade posta. Sobre as juventudes contemporâneas, além de todas as pressões históricas pré-existentes, adiciona-se a inserção do capitalismo globalizado e a tentativa de construção de uma cadeia de cultura global.

É nesse processo, marcado pela transição, que as trajetórias da vida adulta começam a ser formadas. Entretanto, o recrudescimento da precarização do ensino, vinculado à baixa inserção do jovem no mercado de trabalho transforma um jovem ocidental de revolucionário atuante, em um reprodutor de postagens em mídias sociais ou de notas de repúdio.

REFERÊNCIAS

BASSO, I. S. Significado e sentido do trabalho docente. **Cadernos CEDES [online]**. 1998, v. 19, n. 44 pp. 19-32. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000100003>. Acesso em: 31 mai 2021.

CARRANO, P. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, [S.l.], v. 12, n. 26, dez. 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24209>. Acesso em: 15 mai 2022.

CRIOLO. **Convoque Seu Buda**. São Paulo: Oloko Records: 2014. 1 disco compacto (40min): digital, estéreo.

DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Org.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014

DUBET, F. **El declive de la institución**: profesiones, sujetos e individuos em la modernidad. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.

DUBET, F. **As Desigualdades Multiplicadas**. Tradução de Sérgio Miola. Ijuí: Editora UNIJUI, 2003.

ENGELS, F; MARX, K. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ENNE, A. L. A Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria chave da modernidade. *In: Comunicação, mídia e consumo*. V. 7 nº 20 p 13 – 35, 2010. Disponível em <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/203/201>. Acesso em: 14 de mai 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Primeiro Trimestre de 2022**. Brasília-DF, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2022_1tri.pdf. Acesso em: 03 jun. 2022.

IDALGO, S. ‘**O Chile acordou**’: autora da foto viral que marcou protestos conta o que sentiu ao capturar imagem. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/29/o-chile-acordou-autora-da-foto-viral-que-marcou-protestos-conta-o-que-sentiu-ao-capturar-imagem.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2022.

LARANJEIRA, D. H. P.; IRIART, M. F. S.; RODRIGUES, M. S. Problematizando as Transições Juvenis na Saída do Ensino Médio. **Educação & Realidade**, 41(1), 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/56124>. Acesso em: 19 jun. 2022.

MORIN, E. **L'homme et la mort**. Paris: Seuil, 1970.

PEREIRA DA SILVA, M. Juventude(s) e a escola atual: tensões e conflitos no "encontro de culturas". **Revista de Educação Popular**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 46–59, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/28958>, Acesso em: 25 jun. 2022.

PERALVA, A. T. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 15-24, 1997. Disponível em: http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGE_LINA_PERALVA.pdf. Acesso em: 22 abr. 2022.

SANTOS, R. G. B.; FERNANDES, C. S.; GOMES, J. G. H.; GOMES DE FARIAS, J. H.; NASCIMENTO DA SILVA, C. N. Processos de precarização do trabalho docente em tempos de pandemia da Covid-19. **Revista Labor**, v. 1, n. 26, p. 33-53, 1 nov. 2021. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/71595>. Acesso em: 21 mai. 2022.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, R. M. **O discurso do protagonismo juvenil**. 2006. 350f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo –SP, 2006.

ZIZEK, S. Problemas no Paraíso. Tradução: Nathalia Gonzaga. In: MARICATO, Ermínia *et al.* (Org.). **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013.